

Organização Conjugal e Papel de Gênero: A Chegada do Primeiro Filho
Conjugal Organization and Gender Paper: The Arrival of the First Child

Izabel Ester Inácio Ferraz¹

Messiano Ladislau Nogueira de Sousa²

Resumo

Na última década, assistimos a uma grande revolução no meio da comunicação motivada pela internet, a mudanças no padrão de comportamento sexual e de escolha de parceiros entre jovens e adultos jovens, à inserção da mulher em cargos e funções antes ocupados apenas por homens, à ampliação das exigências profissionais para ingresso no mercado de trabalho e à reorganização na forma como a família se autodefine. A família, com sua imensa capacidade de adaptação, vem transformando-se sem deixar de cumprir funções estruturadas e definidoras para garantir a proteção e o cuidado das novas gerações e sua função social de transmitir padrões e normas. Neste breve artigo, objetiva-se discutir, por meio de uma revisão de literatura, como essa adaptação tem ocorrido dentro da família que está começando, que é constituída ainda apenas pelo casal, no momento da chegada do terceiro membro: o primeiro filho. Concluímos que, embora mudanças tenham ocorrido nos papéis de gênero ao longo dos últimos anos, a chegada do filho é um elemento que amplia a diferença desses papéis.

Palavras-chave: *terapia de casal; crianças; família.*

Abstract

In the last decade, we have witnessed a major revolution in the midst of internet-driven communication, changes in the pattern of sexual behavior and choice of partners between young people and young adults, the insertion of women into positions previously occupied only by men, expansion of professional requirements for entry into the labor market and reorganization of the way the family defines

¹ Médica psiquiatra pelo Hospital Universitário Walter Cantídio/Universidade Federal do Ceará, mestre em Saúde Materno Infantil pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: izabeleiferraz@gmail.com.

² Médico psiquiatra pelo Hospital Universitário Walter Cantídio/Universidade Federal do Ceará. E-mail: messianoladislau@hotmail.com.

itself. The family, with its immense capacity for adaptation, has been changing without ceasing to fulfill structured and defining functions to guarantee the protection and care of the new generations and their social function of transmitting standards and norms. In this brief article we aim to discuss, through a literature review, how this adaptation has occurred within the family that is beginning, which is still constituted only by the couple, at the time of the arrival of the third member: the first child. We conclude that although changes have occurred in gender roles over the past few years, the arrival of the child is an element that expands the difference of these roles.

Keywords: *couples therapy; children; family.*

Introdução

Ao longo dos anos, ocorreram muitas mudanças nos padrões do ciclo de vida familiar. Este consiste nas várias etapas vivenciadas pelas famílias desde a sua constituição em uma geração até a morte dos indivíduos que a iniciaram (Osorio & Pascual do Valle, 2009). Com o divórcio e o recasamento, com a revolução na percepção dos papéis masculino e feminino e com as normas e realidades sociopolíticas em modificação, sofreram alterações, também, as perspectivas do ciclo de vida familiar (Carter & McGoldrick, 2011).

O ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, que é o contexto primário do desenvolvimento humano, e os padrões do ciclo de vida familiar estão modificando-se em nossa época, com alterações naquilo que é considerado “normal” (Carter & McGoldrick, 2011).

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a definição de família ainda é limitada pela condição de residência em um mesmo domicílio, pelos laços de consanguinidade e pela dependência econômica, reunindo-se, também, sob essa nomenclatura, grupos distintos de pessoas que habitam o mesmo local (Osorio & Pascual do Valle, 2009).

O padrão de família apresentou três principais mudanças nas últimas décadas: queda substancial na quantidade de membros, aumento no número de mulheres sem cônjuge com filhos e aumento no número de famílias nas quais a pessoa de referência é mulher. Houve, ainda, crescimento da proporção de pessoas que vivem sozinhas ou de casais sem filhos (Osorio & Pascual do Valle, 2009).

A figura feminina conquistou um papel central nas principais mudanças ocorridas: inserção no mercado de trabalho, chefia de número expressivo de famílias, tornando-se, ainda, responsável pela guarda dos filhos em casos de separação (Osorio & Pascual do Valle, 2009).

O estresse familiar é geralmente maior nos pontos de transição de um estágio para outro no processo desenvolvimental familiar, e os sintomas tendem a aparecer mais quando se evidencia interrupção ou deslocamento no ciclo de vida familiar em desdobramento (Carter & McGoldrick, 2011).

Seis estágios de desenvolvimento foram propostos por McGoldrick e Carter em sua obra *As mudanças no ciclo de vida: uma estrutura para a terapia familiar* (2011), que abordava o ciclo vital familiar da classe média americana no final do século XX: 1) o lançamento do jovem adulto solteiro; 2) o novo casal; 3) tornar-se pais; 4) o sistema familiar na adolescência; 5) lançando os filhos e seguindo em frente; e 6) a família no estágio tardio da vida (Osorio & Pascual do Valle, 2009).

Algumas experiências de vida, como o nascimento ou a enfermidade de um membro familiar, requerem que se direcione a atenção ao estreitamento e à primazia dos relacionamentos, enquanto outras, como o início da frequência à escola ou o ingresso em um novo emprego, exigem foco na individualidade. Os fatores culturais também desempenham um significativo papel na maneira como as famílias passam pelo ciclo de vida (Carter & McGoldrick, 2011).

O nascimento do primeiro filho é um evento que desencadeia uma fase de profunda transformação na vida do casal, criando novos papéis, principalmente o de mãe e o de pai, cujo desempenho irá repercutir na relação conjugal. Essa fase do ciclo de vida familiar afeta, ainda, toda a família ampliada, que agora passa a abranger um novo avô, tio, primo, exigindo uma reorganização de todo o sistema (Almeida, 2005).

Quando um casal tem um filho, seja de forma deliberada ou ocasional, uma nova família será constituída a partir do nascimento dessa criança. A relação de díade transforma-se com as mudanças dos papéis e das funções a serem desempenhadas pelo homem e a mulher, agora mãe e pai (Almeida, 2005). A nova família nuclear é produto de um casal que vem de famílias diferentes, cada um com marcas e histórias de sua família de origem. O nascimento do filho conecta as histórias das duas famílias de origem, e é um momento importante de transição na vida do novo pai e da nova mãe enquanto sujeitos e casal promotor de intensas transformações emocionais e relacionais (Almeida, 2005).

Durante a transição para se tornar uma família com filhos pequenos, os pais precisam assumir

a responsabilidade de criar os filhos ao mesmo tempo que tentam manter seu próprio relacionamento (Almeida, 2005).

Devido à escassez de bibliografia na área abordada, o presente artigo visa atender a profissionais de saúde que trabalhem com famílias e a casais que desejem ter filhos, antecipando o surgimento de temas de contradição e conflito na relação conjugal.

Por intermédio de revisão bibliográfica, levantamos as contribuições de diversos autores acerca das alterações que a chegada do filho pode, e irá, provocar na vida conjugal, utilizando, como embasamento teórico, a teoria sistêmica da família.

Desenvolvimento

Contexto social e histórico do casamento

A família dita tradicional em séculos passados era comandada pela figura patriarcal. Em tal estrutura, os casamentos eram baseados na manutenção e transmissão do patrimônio. O marido detinha todo o poder, restando à mulher pouca influência nas decisões da família. A própria mulher era tida como um patrimônio (Araújo, 2002).

Por volta do século XVIII, com a influência do Iluminismo e o surgimento do Romantismo, o casamento começou a sofrer mudanças e o amor entre o casal e a priorização do cuidado dos filhos passaram a ser essenciais nessas relações. As pessoas começaram a escolher seus cônjuges e a se responsabilizar cada vez mais pela educação dos filhos (Bueno, Souza, Monteiro, & Teixeira, 2013).

Com a mudança do pensamento relacionado ao casamento ao longo dos séculos, muita *romantização* passou a ser associada ao evento, acreditando-se que poderia resolver questões individuais. Era comum, entre as mulheres, a crença de que sua felicidade estaria associada ao encontro do *príncipe encantado*. A felicidade e a realização estariam relacionadas ao outro (McGoldrick, 2011a).

No século XX, com a descoberta da anticoncepção feminina por intermédio dos comprimidos e a consequente separação entre sexo e procriação, juntamente à tendência de entrada das mulheres no mercado de trabalho após o fim da Segunda Grande Guerra, a vida doméstica foi deixada para crianças e velhos sem que mulheres e homens soubessem muito bem quem deveria criar os filhos,

nem como criá-los num mundo que oferece menos apoio à comunidade do que o costumeiro nas gerações anteriores (McGoldrick, 2011a, 2011b).

Apesar das mudanças acontecidas nas últimas décadas, resultantes do empenho da sociedade e da publicação de leis voltadas ao reconhecimento dos direitos das mulheres, a opinião da maioria dos jovens instruídos ainda é a de que homens, mais que as mulheres, pertencem ao mundo do trabalho fora de casa e de que as mulheres pertencem ao lar, cabendo-lhes a tarefa de educar as crianças (McGoldrick, 2011b).

É bem mais comum vermos as mulheres encaminhando-se na direção doméstica quando comparadas aos homens. Falar de filhos no ambiente de trabalho, para os homens, é algo socialmente aceito, porém, para a maioria das mulheres que desejam ascender na carreira, falar sobre os filhos no trabalho pode ser um empecilho (McGoldrick, 2011b).

Apesar de ainda percebermos tal diferenciação nos papéis masculino e feminino, é nítida a redução do desequilíbrio entre a participação do homem e da mulher na vida doméstica nas últimas décadas. Antigamente, o casamento representava o principal marco de transição para o mundo adulto, papel desempenhado atualmente pela entrada no mercado de trabalho, sendo a festa de formatura acadêmica a substituta do ritual do casamento (McGoldrick, 2011b).

A formação do casal

Na nossa cultura, um dos ritos de formação do casal é concluído com um mito: “que sejam felizes para sempre”, induzindo ao pensamento de que dificuldades não acontecerão, ou que serão facilmente superadas. Não passa de um ideal de relação (McGoldrick, 2011a).

É nesse início de casamento que as diferenças devem ser negociadas, rediscutidas, reconfiguradas. Caso fiquem latentes, possivelmente aparecerão em outras etapas do ciclo de vida da família, não sendo incomum sua emergência justamente ao surgimento do primeiro filho do casal (McGoldrick, 2011a).

Com o nascimento do primeiro filho, a díade marital passa a ter uma configuração triangular, visto que as atenções voltam-se principalmente para a criança. O casal fica em segundo plano, muitas vezes esquecido. O tempo e o espaço do casal agora necessitam ser compartilhados (Gouveia, Pires, & Hipólito, 2015).

Muitas vezes, o homem se sente excluído dessa relação, o que pode desencadear um momento de crise marital. Tal crise pode produzir efeitos diversos, abrangendo tanto a geração de um novo equilíbrio da família, uma nova conformação, quanto a promoção de rupturas (McGoldrick, 2011b).

Quanto mais diferenciados estiverem os indivíduos na relação do casal antes do nascimento do filho, mais propício estará o casal para se readequar à nova conformação. Nela, passam a coexistir o subsistema parental e o marital e novos papéis deverão ser executados por cada membro do casal (Bueno et al., 2013).

Tal adequação aos novos papéis não acontece de maneira abrupta, e deve ser respeitada a individualidade de cada um e a capacidade ou não de se conectar com a nova função. É justamente nessa fase do ciclo vital que mais acontecem os divórcios (McGoldrick, 2011b).

Segundo McGoldrick (2011b), o estágio do ciclo de vida que provoca uma alteração mais profunda ou que representa maior desafio para a família nuclear e ampliada é a adição de uma nova criança ao sistema familiar. Modifica-se o equilíbrio entre trabalho, amigos, irmãos e pais, e o centro da vida passa a ser a criança. A família nuclear tende a se aproximar, e o tempo com amigos e trabalho necessita ser redistribuído (McGoldrick, 2011b).

A formação do casal moderno é um desafio frente às mudanças que acontecem na sociedade atual. É um processo em constante transformação, influenciado, entre outras coisas, pela maior igualdade de gênero, a emancipação feminina no mercado de trabalho, a liberação sexual e o aumento do hedonismo (McGoldrick, 2011a).

Segundo Féres-Carneiro (2003), a formação da conjugalidade deve ser vista de forma contínua, e não meramente envolvendo as fases iniciais de engajamento amoroso, pois são padrões de relacionamento que mantêm a relação conjugal e sua qualidade ao longo do tempo, permitindo que resista às diversas circunstâncias, às mudanças previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida.

O casal contemporâneo é confrontado o tempo todo por duas forças paradoxais: a força da individualidade e a da conjugalidade. Os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um; por outro lado, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais (Féres-Carneiro, 1998).

Nessa construção do novo casal, quais tradições familiares serão mantidas, quais serão os novos padrões desenvolvidos pelo casal? Como lidarão nos relacionamentos com pais, irmãos, família

ampliada e com colegas? Essa decisão importante de com quem compartilhar a vida, muitas vezes é realizada em momentos de transição do ciclo de vida: depois de uma morte inesperada na família, de um divórcio, após uma doença grave, por exemplo.

Nesse processo de formação do casal, muitos são os indivíduos que iniciam essa nova etapa sem terem se tornado independentes emocionalmente dos pais, situação que vem contribuindo para a fusão do casal e, como consequência, a não individualização. Normalmente, são tais questões não resolvidas na família de origem que precipitarão as principais crises no novo agrupamento familiar (Bueno et al., 2013).

O casal após a chegada do primeiro filho

A sociedade ainda preza muito a paternidade e a maternidade, e, para muitos, ter um filho ainda constitui motivo de grande realização pessoal, considerado, inclusive, passo fundamental na trajetória da vida. Ver uma criança crescer e se desenvolver produz um sentimento de preenchimento (Brasileiro, 2002).

Existem diversos contextos em que uma criança pode nascer. Um filho pode nascer em um ambiente no qual não há espaço para ele ou existe um vácuo para ele preencher, geralmente criado por uma perda de relacionamento com outra geração ou por falta de intimidade conjugal, vindo a criança já com o objetivo de salvar o relacionamento dos pais ou de substituir um membro da família já morto (Carter & McGoldrick, 1995).

Ao se tornar pai e mãe, o casal passa por profunda transição, a qual exige que homem e mulher assumam novos papéis e uma nova conformação de suas identidades individuais e da identidade do casal (Brasileiro, 2002).

O modo como os pais adaptam-se aos novos papéis é influenciado pela estrutura da relação conjugal. Mesmo os casais mais bem ajustados sofrem tensão na transição para a parentalidade (Rocha, 1993).

Apesar das mudanças na família tradicional, mesmo quando o casal moderno tem intenções igualitárias, mães e pais diferenciam-se em seus cuidados para com o filho. As mulheres tendem ao cuidado, à maternagem, pela noção tradicional de que a mulher é a responsável pelos cuidados domésticos. O homem preocupa-se com o sustento, o papel de provedor, e a divisão das tarefas acaba sendo mais tradicional do que eles gostariam (Brasileiro, 2002; Carter & McGoldrick, 1995).

As mudanças são sentidas de forma diferente por homens e mulheres, porém ambos sofrem um declínio na satisfação conjugal, e nem sempre as tarefas são divididas de forma equilibrada, o que pode gerar conflitos no casamento. As mães tendem a se envolver mais com os cuidados primários do bebê, enquanto os pais tendem a ajudar nesses cuidados e não a dividir tarefas, além de se ocuparem mais com atividades lúdicas (Brasileiro, 2002).

Para a mulher, o ser mãe é uma experiência totalizadora e assume papel central em sua identidade. Já durante a gravidez, a mulher coloca-se como responsável pelo bebê, e muitos pais se sentem decepcionados com o papel secundário a eles atribuído após a paternidade. O nascimento do bebê une os pais, porém a responsabilidade materna tende a afastá-los (Rocha, 1993).

Mulheres queixam-se de cansaço crônico, de prolongado confinamento em casa, vida social menos ativa, mais horas de vigília, menos tempo para cuidados com a casa e insatisfação com a própria aparência. Homens se queixam, para além das mesmas questões citadas pelas mulheres, de maior pressão socioeconômica e menor correspondência sexual de suas mulheres. Apesar disso, ambos consideram que valeu a pena o nascimento do primeiro filho (Rocha, 1993).

Com a revolução feminina e a crescente participação da mulher no mercado de trabalho, os homens passaram a ajudar mais, no entanto ainda cabe às mães a realização da maioria das atividades do lar. Isso gera, nas mulheres, a sensação de estarem mais cansadas e, nos homens, a sensação de culpa, o que pode resultar em conflitos na relação conjugal. O menor cuidado das mulheres com suas questões pessoais gera uma baixa autoestima, enquanto os homens deixam menos de se envolver com suas próprias demandas e tendem a ter menos problemas de autoestima (Cowan & Cowan, 2000).

Segundo Rocha (1993), a insatisfação conjugal dá-se por seis fatores: a administração das finanças, as atividades sociais, o desempenho de cada um com tarefas domésticas, o companheirismo, a interação sexual e o relacionamento pais-filho. Com os cuidados dispensados ao bebê, o tempo livre do casal é reduzido. E tanto antes como depois do nascimento do primeiro filho, o declínio da satisfação conjugal é maior para as mulheres do que para os homens (Rocha, 1993).

Conforme Clulow (1996), os casais que já funcionavam bem antes do nascimento do filho são aqueles que apresentam menos estresse e mais satisfação após o nascimento do bebê. Ou seja, o nascimento do filho não apenas cria novos problemas, mas traz à tona questões mal resolvidas do casal. A mulher afasta-se do trabalho por causa da licença-maternidade, o marido trabalha mais para compensar financeiramente a redução do orçamento doméstico, ficando sem tempo, situação que

contribui para a instalação da sensação de abandono na mulher, a rede de amigos começa a se restringir a outros casais com filhos pequenos, e o casal tem menos tempo para ficar junto, o que resulta na diminuição da frequência sexual.

Transformações nos papéis de gênero

No novo modelo de família, as fronteiras de identidades entre os dois sexos estão mais fluidas e permeáveis, oferecendo possibilidades plurais de representação. Esses ideais parecem ter sido mais absorvidos pelas mulheres, que manifestaram frequentemente expectativas igualitárias, enquanto os homens mostram-se mais apegados aos valores tradicionais (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004).

Verifica-se que o cenário social e familiar atual apresenta maior proximidade com o de um período de transição do que propriamente o de uma revolução definitiva das mentalidades e dos costumes. Essa situação vem se modificando lenta e progressivamente, porém a mudança de hábitos não acompanha a mudança de valores (Martins, 2009; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

O pai, muitas vezes, oscila entre tentar preservar o secular lugar tradicional de chefe, tendo pouco tempo para os filhos, e dar a eles mais assistência, ainda que de forma descontínua. Em ambos os modelos, a mãe ainda é a principal cuidadora (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Espera-se do homem o desempenho de um papel mínimo de coadjuvante na criação dos filhos e nas lidas domésticas. Um homem que consiga manifestar os seus sentimentos, que proporcione intimidade, que busque o contato corporal com o filho (Gomes & Resende, 2004; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Embora os novos pais descrevam a presença de uma ideologia de igualdade no desempenho dos papéis familiares e na divisão de tarefas familiares, ainda permanece uma distância considerável entre o discurso e a prática, com acordos e execuções menos equilibrados do que o esperado, circunstâncias que tendem a gerar frustração nas mulheres e conflitos no casamento (Martins, 2009).

O pai que leva o filho à escola, participa das reuniões, vai ao médico regularmente com ele, dá-lhe banho e o coloca para dormir, na maioria das vezes, realiza essas atividades em apoio à mãe, e não sozinho, por ser sua atividade habitual. Funciona, ainda, como complementar, porém de forma bem mais igualitária na divisão sexual do trabalho que as gerações anteriores (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Em detrimento do menor envolvimento dos pais nos cuidados cotidianos com seus filhos, observa-se uma maior aproximação afetiva desses homens com seus herdeiros. A perspectiva do pai que não pode demonstrar sentimentos, que não se aproxima afetivamente de seus filhos vem, de forma ainda sutil, mostrando mudanças socioculturais dessa nova forma de paternidade (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004).

Conclusão

A conjugalidade e a família transformam-se ao longo do ciclo vital, e é de grande relevância para os profissionais que lidam com famílias estudar o impacto do nascimento do primeiro filho na relação conjugal, especialmente na contemporaneidade.

Com o nascimento do primeiro filho, emerge a necessidade de desempenho das funções materna e paterna, que exigem tempo, esforço, cuidado e dedicação, ao mesmo tempo que se intensificam, no casal, a empatia, o companheirismo e a união voltados para o filho.

Os casais precisam reescrever sua relação, pois, após a chegada do primeiro filho, nada será como antes. É preciso considerar a realidade: ser três é diferente de ser dois.

Juntamente ao nascimento da criança, nascem um pai e uma mãe que agora terão que reequilibrar a conjugalidade com a paternidade. Muitas questões não resolvidas irão emergir, resultando em mais dificuldades para a nova conformação da família.

Os papéis serão redefinidos não mais como antigamente, e cada família organizar-se-á da melhor forma que conseguir. Os papéis pré-definidos vêm diminuindo ao longo das últimas décadas, embora ainda seja perceptível que as mulheres são as principais responsáveis pelo cuidar da casa e da criança.

A questão de igualdade ainda é muito idealizada, entretanto não podemos negar que muitos avanços já aconteceram e muitos ainda estão acontecendo.

Referências

Almeida, M. E. G. G. (2005). Quando dois se tornam três: reflexões acerca da formação de uma nova família a partir do impacto do nascimento do primeiro filho. *Psicologia.pt – O Portal dos Psicólogos*. Retirado em 22 setembro, 2000, de https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0060

- Araújo, M. de F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>
- Brasileiro, R. de F. (2002). *Transição para a parentalidade: papéis de gênero em questão*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Bueno, R. K., Souza, S. A., Monteiro, M. A., & Teixeira, R. H. M. (2013, janeiro/março). Processo de Diferenciação dos Casais de suas famílias de Origem. *Psico*, 44(1), 16-25. Retirado em 22 setembro, 2000, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/9420>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma nova estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2011). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trad., 2a ed., pp. 7-28). Porto Alegre: Artmed.
- Clulow, C. F. (Ed.) (1996). *Partners becoming parents*. Tavistock Institute of Marital studies. New Jersey: Jason Aronson.
- Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2000). *When partners become parents*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394. ISSN 0102-7972. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo da dissolução da conjugalidade. *Psicologia em Estudo*, 8(3), 367-374. Retirado em 22 setembro, 2000, de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19958.pdf>
- Gomes, A. J. da S., & Resende, V. da R. (2004, maio/agosto). O Pai Presente: o Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Gouveia, P. R. R., Pires, M. R. T., & Hipólito, J. E. J. (2015, janeiro/dezembro). O novo ciclo familiar após o nascimento do primeiro filho. *PSIQUE*, 11, 135-160. ISSN 1647-2284.
- Martins, C. A. (2009). Transição para a parentalidade: uma revisão sistemática da literatura. In M. C. Barbieri, M. M. Martins, M. H. Figueiredo, M. J. Martinho, L. M. Andrade, P. C. Oliveira et al. (Eds.). *Da investigação à prática de enfermagem da família* (pp. 115-127). Porto, Portugal: Escola Superior de Enfermagem do Porto.

- McGoldrick, M. (2011a). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trad., 2a ed., pp. 184-215). Porto Alegre: Artmed.
- McGoldrick, M. (2011b). Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trad., 2a ed., pp. 206-222). Porto Alegre: Artmed.
- Negreiros, T. C. de G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1).
- Osorio, L. C., & Pascual do Valle, M. E. (2009). *Manual de Terapia Familiar* (Ciclo vital da família brasileira, Vol. I). Porto Alegre: Artmed.
- Rocha, A. P. B. (1993). *Dois é bom. Três é demais? Um estudo sobre a relação conjugal e o primeiro filho, em um contexto de acelerada mudança cultural, a partir do ponto de vista da mulher*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008, janeiro/março). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1), 74-82.